

A mariologia do Vaticano II: Perspectivas em tempos de crise

Marcílio Oliveira da Silva ¹

Francisco Dálison de Paiva ²

Resumo: O presente artigo objetiva analisar algumas perspectivas que a Mariologia do Vaticano II pode oferecer em tempos de crise, considerando o cenário desolador e terrível provocado pela recente pandemia da covid-19. O Concílio, estabelecendo um diálogo com a sociedade moderna e as grandes religiões, deu uma atenção especial aos sinais dos tempos apresentando uma Mariologia conivente com tempos atuais. O capítulo VIII da Constituição dogmática *Lumen Gentium* reconduziu a teologia mariana para o campo das discussões sociais e antropológicas. A mãe de Deus foi colocada novamente dentro da Igreja e perto do povo e, no contexto das intenções do Concílio, trouxe consolo e esperança para a Igreja peregrinante. A Virgem de Nazaré é força que impulsiona os homens cansados e feridos a reconstruírem sua história e reavivarem sua existência. Esta pesquisa utiliza a metodologia teórico bibliográfica com vistas a uma análise da declaração do Magistério conciliar sobre Maria no Vaticano II. Ao final desse estudo espera-se obter indicações para as incertezas dos homens que, embora aflitos pelo atual cenário, podem tomar como referência a figura de Maria de Nazaré como fonte inspiradora de quem espera confiante as realizações das promessas salvíficas.

Palavras-chave: Mariologia. Vaticano II. *Lumen Gentium*.

INTRODUÇÃO

O surgimento do pensamento moderno, suas conquistas civis e políticas desafiaram o Cristianismo. Por outro lado, a tradição cristã foi aperfeiçoando sua avaliação histórica e teológica das ideias até chegar num diálogo autêntico e novo com a cultura moderna. Essa postura, assumida pelo Concílio Vaticano II, abriu caminhos para uma nova consciência eclesial da missão da Igreja, para o ecumenismo e deu atenção especial aos sinais dos tempos. O Concílio possibilitou o *aggiornamento* de toda vida eclesial³ (KÜNG, 1970, p. 25).

O Vaticano II fez a Mariologia ingressar no campo das discussões antropológicas com questões referentes ao migrante, à mulher, ao ecumenismo, ao diálogo inter-religioso, ao pobre, à ecologia, à política e à sociedade. Essa pluralidade fez com que o presente estudo, com base no pensamento conciliar mariológico, buscasse perspectivas para tempos de crise focando de maneira singular no contexto sombrio causado pela recente Pandemia. Diante disso,

1 Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). E-mail: marcveni4312@gmail.com

2 Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: franciscodalison89@gmail.com

3 O Vaticano II assumiu uma perspectiva de centralidade antropológica muito bem expressa na constituição dogmática *Gaudium et spes* (sobre a Igreja no Mundo contemporâneo). Para o Concílio, o homem da modernidade tem sua vocação fundada numa antropologia cristã, cujas reflexões sobre o Mistério de Cristo iluminam a realidade em que está inserido (cf. GS 4-22).

levantamos a seguinte problemática: Que perspectivas podem ser obtidas da Mariologia do Vaticano II para a recente crise provocada pela Pandemia da Covid-19?

Para encontrarmos essas perspectivas, em um primeiro momento é necessário analisar a Mariologia do Vaticano II e perceber algumas características relevantes que interessam para esse estudo. Em seguida, à luz da Economia da Salvação, é preciso perceber na figura de Maria aquela que guia os homens nas situações adversas. Por fim, em um terceiro momento, elencar as perspectivas possíveis diante das consequências causadas pela crise da covid-19.

1 A MARIOLOGIA CONCILIAR: MARIA EM RELAÇÃO ÍNTIMA COM DEUS, A IGREJA E A HUMANIDADE

O Concílio possibilitou que a Mariologia ganhasse uma atenção especial abriu caminhos para o diálogo com o mundo moderno, com as grandes religiões e com os sinais dos Tempos. Além disso, ofereceu uma síntese teológica sobre a Virgem Mãe de Deus, logo, não houve a elaboração de um documento sobre Maria⁴, mas, a inserção de um capítulo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (sobre a Igreja) como um valioso desfecho⁵. Vemos que o Vaticano II fez o resgate de uma autêntica e correta eclesiologia mariana, sem desmerecer sua dimensão cristológica. A mãe de Jesus não está isolada, ao contrário, estabelece uma interdependência com Cristo e a Igreja. Essa inserção (no Mistério de Cristo e da Igreja) direciona a Mariologia a esfera das discussões teológicas⁶.

O Concílio propôs o estudo e aprofundamento da reflexão teológica sobre a Virgem Maria e se contrapôs ao seu esgotamento (LG 54), diante disso, é tarefa dos teólogos e estudiosos amadurecerem os temas considerando que, os mariólogos em unidade com a Sagrada Escritura, o Magistério, a Tradição e os sinais dos tempos têm a missão de colaborar para o avanço da Teologia sobre Maria (LG 54).

Outro destaque da *Lumen Gentium* foi a relação que Maria de Nazaré estabelece com Deus e a humanidade. Visto que, uma vez inserida na plenitude dos tempos (Gl 4,4), associa-se por um lado ao Mistério Trinitário, como mãe do Filho de Deus, filha predileta do Pai e Templo do Espírito Santo. Por outro lado, Maria está ligada ao povo de Deus, pois descende de Adão, ou seja, da humanidade que espera por salvação.

4 A tensão marcou o debate mariológico antes e ao longo do Concílio. Duas correntes se destacaram. De um lado haviam os maximalistas que defendiam a elaboração de um documento próprio sobre Maria. Do outro lado, estavam os minimalistas que pouco consideravam o papel de Maria na economia salvífica. Durante uma votação muito disputada sobre a elaboração ou não de um documento autônomo de Mariologia (1114 contra 1074) ficou definido que o tema sobre a Virgem Mãe seria posto no capítulo VIII da Constituição Dogmática *De Ecclesia* (cf. BOFF, 2009, p. 93)

5 Após um breve próêmio (I parte), o oitavo capítulo da *Lumen Gentium* apresenta a missão de Maria na economia da salvação, centrada no mistério de Cristo (II parte), a relação da Virgem com a Igreja (III parte), o culto mariano na Igreja (IV parte) e a dimensão escatológica da Mariologia (V parte).

6 O surgimento da Teologia Marial como um tratado separado e autônomo remonta aos séculos XVI e XVII, com Francisco Suarez (1585) e Plácido Nígido (1602) (cf. ALMEIDA, 2005, p.181).

Está, porém, associada, na descendência de Adão, a todos os homens necessitados de salvação; melhor, é verdadeiramente Mãe dos membros de (Cristo) (...), porque cooperou com o seu amor para que na Igreja nascessem os fiéis, membros daquela cabeça (LG 53).

Por causa de sua missão, Maria, foi “remida de modo mais sublime, em atenção aos méritos de seu Filho” (LG 53). É a mãe dos membros de Cristo, pois, cooperou para que a Igreja nascesse. É membro ilustre e singular da Igreja. É um “protótipo” de fé e de caridade.

A Mariologia conciliar oferece uma síntese bíblico-teológica da mãe de Jesus. Na Revelação salvífica, Maria tem sua missão prefigurada e traçada nas promessas feitas ao povo da Antiga Aliança que se manifesta claramente na Nova Aliança com Cristo (LG 55-59). Ela é mãe predestinada, serva fiel (LG 56) e discípula (LG 58). São destacados, ainda, alguns títulos inspirados no Antigo Testamento como Filha de Sião, Filha de Adão e a Nova Eva (LG 55-56).

Além disso, Maria avançou pelo caminho da fé mantendo-se fiel e estando unida ao seu Filho até a cruz (LG 58). Depois, esteve ainda unida a comunidade dos cristãos e fez a experiência da descida do Espírito Santo em Pentecostes (At 2, 1-12). Ao final de seus dias foi assunta ao céu plenificando seu ser (LG 59). Além disso:

No que diz respeito à relação de Maria com a Igreja, o Concílio mostra que ela é membro, símbolo e mãe da Igreja, a partir de sua relação ímpar com Jesus. Não se trata somente da maternidade biológica. Maria foi mãe, companheira e serva do Senhor, tornando-se assim, para nós, mãe, na ordem da Graça (MURAD, 2012, p. 21-22).

Maria, na condição de Virgem e mãe, é “o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo” (LG 63). É modelo na prática das virtudes evangélicas e na missão apostólica (cf. LG 63-65). O documento ainda traz Maria como imagem da Igreja glorificada, ou seja, uma verdadeira imagem escatológica. Ela aparece como sinal de esperança e de consolação para os que peregrinam neste mundo (LG 68).

O Concílio não trouxe nenhuma doutrina nova e nem tampouco definiu novos Dogmas, como era esperado por muitos. No entanto, trouxe para a Mariologia um avanço qualitativo pois que aprofundou verdades já conhecidas. Verificamos que a preocupação dos padres conciliares foi estabelecer o respeito absoluto às diversas correntes e escolas teológicas, permitindo abrir as portas para posteriores estudos e aprofundamentos⁷.

7 Aqui pode ser destacado os estudos mariológico desenvolvidos pela Pontifícia Academia Mariana Internacional, que datam dos primeiros anos após o Vaticano II. Destacam-se ainda muitas conferências e congressos que buscaram sistematizar a mariologia desde as origens até hoje. Importantes também foram algumas conferências episcopais e alguns documentos da Sé Apostólica como a *Marialis cultus* de São João Paulo VI e a *Redemptoris Mater* de São João Paulo II. Não é pretensão nossa analisar os estudos pós-Concílio Vaticano II, apesar de toda riqueza e profundidade.

Destacamos que o Vaticano II causou uma virada antropológica da Mariologia. Resgatou a face humana de Maria reconhecendo seu papel de membro da Igreja, mulher israelita livre e responsável, além de sua importante colaboração na Economia da Salvação (LG 56). Vemos que Maria é aquela que “ocupa o lugar mais elevado e o mais próximo de nós” (LG 54). Assim, está perto dos homens e dentro da Igreja (ALMEIDA, 2005, p. 184). Foi essa (re) aproximação entre Maria e os homens que permitiu o diálogo da Mariologia com diversos temas da contemporaneidade o que favorece a direção desse estudo para uma breve reflexão sobre as perspectivas face a recente crise da Covid-19.

2 O PAPEL DE MARIA NA ECONOMIA DA SALVAÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A SUPERAÇÃO DAS ADVERSIDADES

A pandemia, que desola sem precedentes a vida desta geração, colocou a humanidade numa situação de impotência, pois o medo figura e desencadeia uma desestabilização. A chegada do coronavírus ao cenário mundial sugere uma energia marcada pelo medo que sonda os países, as cidades, as casas e as pessoas. O que é visto em muitos países é um “sentimento de perder o mundo” (LATOUR, 2020, p. 2). Essa concepção se aplica ao sentimento que brota da população mundial por causa dos efeitos desastrosos no clima, mas que podem ser aplicados à atual situação epidemiológica⁸.

O Concílio Vaticano II ensinou que como mãe, Maria guia os fiéis para que não percam o horizonte e superem os medos mais cruéis, de modo que encontrem a paz desejada em meio do caos. A mãe de Jesus guiará os homens para encontrarem as forças necessárias a fim de que achem esperança mesmo perante situações caóticas (cf. LG 65; 68). Diante disso, a crise atual pode ser definida como uma crise de esperança (cf. MENDONÇA, 2013, p. 11). A situação promovida pela pandemia aflorou muitas interrogações sobre o futuro e também criou chances para um amadurecimento (MOLTMANN, 1997, p. 293). Contudo, é possível crer em respostas positivas que estão além da dor e do sofrimento, nas quais está a voz de Deus que nos fala por meio das mediações da realidade, dentre elas a cooperação de Maria.

Vemos que a *Lumen Gentium* ensina que Maria participa da missão de Jesus em virtude do sim ao projeto salvífico de Deus. Assim sendo, possui uma missão na Economia da salvação que está centrada no Mistério de Cristo. Quando o cristão pede a intercessão de Nossa Senhora sabe que a Mãe de Deus apontará para o Cristo, pois que, sua vida está direcionada para aquele que a concebeu sem pecado (LG 60-62).

Os cristãos podem confiar nos méritos de Maria em todas as situações de suas vidas. Visto que, ela escuta cada pedido e prece que brota do coração e as coloca nas mãos de seu Filho, Cristo Jesus. A mediação da Mãe de Deus possibilita superar os medos mais terríveis

8 Cita Latour: “Antes, a angústia que a natureza nos causava vinha do fato de que éramos pequenos demais, e a natureza era imensa. Agora temos o mesmo tamanho, influímos em como a **Terra** se comporta. E é desorientador, por exemplo, para os jovens que se manifestam [contra a mudança climática]. Da extrema esquerda à extrema direita, todas as posições políticas estão marcadas pela angústia” (LATOUR, 2020, p.2).

afim de que as pessoas encontrem forças necessárias para enfrentar situações difíceis, assumirem suas verdades e caminharem em busca de um tempo novo (ORTOPEZA, 2020, p.1).

3 A ENCARNAÇÃO DO VERBO EM MARIA: O AMOR DE DEUS PELOS MAIS SOFRIDOS

Como vimos anteriormente, a reaproximação entre Maria e os homens (promovida pelo Vaticano II) permitiu o diálogo da Mariologia com diversos temas da contemporaneidade o que favorece a direção desse estudo para uma breve reflexão sobre suas perspectivas face a recente crise da Covid-19. Para isso, analisemos o episódio da anunciação da encarnação do Verbo (Lc 1, 26-38).

O ato de se encarnar na Virgem mostra o amor preferencial de Deus pelos pequenos e desvalidos, ora, “não é em absoluto irrelevante que Maria seja apresentada por Lucas como uma pobre do Senhor” (cf. Lc 1, 48) (BOFF, 2006, p. 417). Vemos que a *Lumen Gentium* declara que Maria é a que se sobressai entre os humildes e pobres do Senhor que esperam a salvação (LG 55). O contexto da anunciação mostra uma mulher socialmente desprezível, que cresceu numa periferia e cujo nome era bastante comum (BOFF, 2006, p. 417). A cena bíblica apresenta uma Jovem simples que representava claramente muitas mulheres dos ambientes marginalizados⁹.

Na encarnação, a Jovem esposa de José entrega-se livremente à vontade de Deus. Sua adesão ao plano salvador não é apenas seu destino, mas, a base de algo muito maior: a salvação da humanidade. Vemos que a Virgem Maria viveu uma liberdade interior apontada para o compromisso e à missão de algo concreto, pois não se tornou mãe apenas para obter alguma vantagem. A sua maternidade messiânica concerne ao que Deus reservou para a história. Por mais ameaçadora que possam ser, a confiança e abandono total de Maria nas promessas do salvador traz esperanças de que ela continua a cooperar na salvação guiando os homens a suportar as adversidades que ameaçam seus caminhos (BOFF, 2006, p. 421)

A partir dessas promessas podemos dizer que Maria está presente durante os dolorosos dias de Pandemia. Ela esteve lado a lado das pessoas que morreram isoladas longe do calor e conforto de seus familiares. Maria se fez companhia com sua ternura de mãe. Visto que, a Mulher que disse Sim ao Anjo responde as preces dos aflitos e as súplicas dos agonizantes.

9 Essa representação se aproxima, nos tempos atuais, daquelas mulheres que mais sofrem com o impacto da Pandemia em virtude de situações de desigualdade, violência doméstica e feminicídio, por exemplo. Embora essas situações já existam há bastante tempo, no contexto da crise da Covid-19 se tornaram ainda mais evidentes e agravantes.

4 A HORA DA CRUZ: MARIA É SINAL DE FIDELIDADE NA DOR

O sofrimento dos pequenos nesta pandemia remete a Virgem Mãe no episódio da cruz, o momento de maior dor de seu Filho. Sendo assim, a mãe de Deus se une aos desvalidos e marginalizados nas situações mais angustiantes que estes padecem. Quando chegou a Hora da cruz Maria esteve ainda mais ativa e intimamente unida a seu Filho. A *Lumen Gentium* cita:

A Bem-aventurada Virgem avançou no caminho da fé e conservou fielmente a união com seu Filho até a cruz, junto da qual, por desígnio de Deus, se manteve de pé (Cf. Jo 19, 25); sofreu profundamente com o seu unigênito e associou-se de coração maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado; finalmente, do próprio Jesus Cristo, ao morrer na cruz, foi dada ao discípulo por Mãe com estas palavras: ‘Mulher eis aí o teu Filho’ (Cf. Jo 19,26-27) (LG 58).

Vemos que Maria sofre uma paixão íntima. O Evangelho de João nos mostra que ela é ciente da missão de Jesus, participa dela e compartilha seus fins e objetivos conforme os preceitos do Pai (Jo 2,1-11). Diante disso, embora de forma menos cruenta, Maria sofre o igual suplício de seu Filho. Conquanto, continua crente na providência de Deus e não se opõe aos planos do Pai na hora do sacrifício surpreendente de Jesus. Quando os discípulos se acovardam e fogem, a Virgem permanece ao pé da cruz, confiante e esperançosa.

Ao ver seu Filho ser imolado no madeiro o coração de Mãe é traspassado por uma espada de dor, o seu martírio, que o texto conciliar releva como desígnio particular de Deus, é oferta do fruto que ela gerou em sacrifício pelos pecados da humanidade (GRECCO, 2011, p. 340-341). Assim, Maria nos ensina a perceber a presença de Deus nesta Pandemia no meio dos frágeis. Ela expressa o anseio de Deus fazer-se presente naqueles e naquelas que sofrem das formas mais violentas. Verificamos que para contornar esta crise é preciso encontrar a mãe de Jesus no olhar de muitos que sofrem.

5 COMPANHEIRA GENEROSA NA REDENÇÃO

Para o Concílio, Deus empreende uma Redenção à humanidade através de Maria mesmo em meio as condições mais complexas e circunstâncias que parecem contraditar-se¹⁰. A *Lumen Gentium* a define como “companheira generosa”:

A Bem aventurada Virgem, predestinada, desde toda a eternidade,

10 Muitos autores de Mariologia chegaram a definir Maria como corredentora do gênero humano. Roschini escreve: “O título de corredentora do gênero humano significa que a Virgem Santíssima cooperou com Cristo quanto a nossa reparação, como Eva havia cooperado com Adão quanto a nossa queda” (ROSCHINI, 1944, p. 40). Essa cooperação de que fala o autor é uma cooperação inferior a cooperação de Jesus, pois que Jesus é Deus e somente ele é capaz de redimir a humanidade.

junto com a encarnação do Verbo divino, para ser Mãe de Deus, foi na terra, por disposição da divina Providência, a Mãe do Redentor divino, mais que ninguém sua companheira generosa e a humilde escrava do Senhor. Concebendo a Cristo, gerando-o, alimentando-o, apresentando-o no templo ao Pai, sofrendo com seu Filho que morria na cruz, ela cooperou de modo absolutamente singular, pela obediência, pela fé, pela esperança e pela caridade ardente, na Obra do Salvador para restaurar a vida Sobrenatural das almas. Por tudo isto, ela é nossa mãe na ordem da Graça (LG 61).

Vemos que a Jovem de Nazaré foi predestinada a ser Mãe de Jesus, logo, se tornou sua cooperadora. A sua vida pode ser resumida numa cooperação sem igual na obra salvífica do Pai¹¹. Destacamos que, na fé ela se tornou nossa mãe na ordem da graça. Maria colaborou com a nossa salvação por meio de sua obediência à vontade de Deus e com sua doçura acolhendo os desígnios do Pai desde Nazaré a Jerusalém. Como peregrina cresceu na fé até que reparasse as infidelidades da humanidade em relação ao seu Filho (MONTELEONE, 2010, p. 42). Maria se associa à obra salvífica de Cristo como singular e generosa companheira, de modo universal e totalmente dependente de Cristo.

Por mais difícil que pareça entender esse ato redentor, o fato de Deus ter escolhido Maria como cooperadora na redenção da humanidade leva a crer que, no meio dessa pandemia, a vontade de Deus pode ser assumida e a luta por um mundo novo se torna legítima no enfrentamento desta terrível crise. Dentro do contexto em que viveu, a Virgem de Nazaré foi posta em situação de grande vulnerabilidade. Mesmo assim ela aceitou o chamado de Deus e a possibilidade de que a redenção dos homens fosse possível, mesmo envolta numa situação de incerteza e risco (MONTELEONE, 2010, p. 44).

6 BEM AVENTURADA AQUELA QUE ACREDITOU

Nos diz o Concílio que Maria teve medo, sentiu-se insegura nas primeiras hesitações, porém, confiou na vontade de Deus de forma absoluta (LG 56). Vemos que Maria enfrentou a vida com muita coragem, mas teve que assumir uma postura perante seus medos. Mulher do medo, mas não da resignação. Ela sempre reagiu de forma determinada. Diante dos medos do presente momento por causa do Coronavírus e da incerteza de como será o futuro, o espelho de coragem será sempre Maria. Como ela, é preciso confiar na presença de Deus e em sua Palavra de encorajamento: “Não tenhas medo Maria” (Lc 1,30).

11 Do ponto de vista Teológico é importante especificar que a colaboração de Maria na redenção de seu Filho está no âmbito de uma criatura, pois, mesmo assumindo a maternidade divina, ela continua sendo alguém que foi criada por Deus. Os padres conciliares observaram que não é possível identificar a Mãe de Deus com uma deusa. Uma vez que Cristo é o nosso Redentor, Único e perfeito, a cooperação de Maria não é independente, mas, subordinada e secundária em relação à de Jesus (Cf. ROSCHINI, 1944, p. 277-282).

Mesmo em meio aos medos, sentimento de impotência e incompreensões é necessário confiar que Deus caminha ao nosso lado e não nos abandona. Quando olhamos para a Virgem Mãe percebemos que ela permitiu o próprio Jesus e seu projeto se encarnarem em suas entranhas. A encarnação transformou Maria e transformará o homem que se disporá a proclamar o “eis-me aqui. Faça-se em mim segundo a sua vontade” (Lc 1,38).

Maria carrega em si as promessas e esperanças de Israel. Os Evangelhos a chamam de *Filha de Sião*, representante dos pobres israelitas, os *anawin* de Deus, o pequeno resto (de Israel) que aguarda na fidelidade a chegada dos tempos salvíficos. Vemos que a história dos hebreus foi tecida a partir da confiança nas promessas de YHWH. Israel confessou sua fé no Deus dos patriarcas (Abraão, Issac e Jacó). Conservavam na memória as obras de Deus e mantinham acessas as promessas dirigidas aos seus antecedentes. (HORSLEY; HANSON, 2007, p. 24-25).

Nesse âmbito, Maria se alegra e glorifica a Deus pelo seu feito grandioso no *Magnificat*. Em seu cântico, ela se une aos humilhados e vive a expectativa de que chegará os tempos do Messias revelar-se. A Mãe de Jesus é um arauto do pequeno resto de Israel que louva o Deus das promessas. “O Senhor amparou Israel, seu servo, lembrando-se da sua Misericórdia, como prometera a nossos pais, a Abraão e à sua descendência, para sempre” (Lc 1, 54-55).

O socorro e a promessa do Senhor não têm fim. É isto que é vivido por detrás de expressões religiosas como o *Magnificat*. Experimenta-se, no mais profundo do ser, a possibilidade sempre renovada da esperança, o desejo nunca acabado de justiça, o suspiro sempre renovado por um amor capaz de saciar o eterno desejo de amar (GEBARA; BINGEMER, 2007, p. 29)

Destacamos que o Cântico do *Magnificat* é a síntese das motivações especiais de Maria e de todo povo que sofre as opressões da história. Essa oração nasce do coração de uma Mulher oprimida, pobre, humilde e cheia de fé no Deus das promessas. Através desse hino Maria revela sua face profética que não teme em proclamar o Reino de Justiça prometido pelo Deus salvador (BOFF, 2017, p. 333-335). Assim, a Mãe de Jesus, e nossa Mãe, conforta e ensina a proclamar o triunfo do Reino sobre a morte.

Diante disso Maria nos instrui a honrar e afirmar que o altíssimo deparará os orgulhosos e derrotará os poderosos elevando os humildes (BOFF, 2017, 359-363). Tudo isso pode parecer paradoxal, contudo, os homens são chamados, ao lado da mãe de Deus, a viverem cheios de esperança no meio dessa pandemia. Diante de tantas mortes diárias ela os instrui a testemunharem a alegria que se contrapõe a tristeza profunda gerada por esta crise.

Ademais, estar junto a Maria nesta Pandemia implica denunciar com coragem as injustiças e situações de desigualdade que se evidenciaram fortemente neste tempo. Maria nos assegura que os orgulhosos, que antipatizam aos que sofrem nesta crise, serão postos para

trás, dando lugar aos humildes e pequenos. Ela declara que as causas poderosas das desigualdades e injustiças, que vulnerabiliza os pequenos, cairão.

CONCLUSÃO

A complexa realidade causada pela Pandemia exige perspectivas. O atual cenário pede fontes que motivem o homem a acreditar no futuro e apontem caminhos de esperança por dias melhores, saídas e propósitos. Verificamos que o Vaticano II encontrou em Maria um testemunho autêntico de esperança. Afirma: “Maria brilha como sinal de esperança segura e de consolação, para o povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor” (LG 68). Maria, sendo sinal de esperança e consolo para os que se põe a caminho, aponta para algo que está para além de si mesma. Ela é sinal de Deus e consolo na pandemia. Como singela companhia, segue o solitário na sua solidão, o enfermo na sua enfermidade e o descrente na descrença. Vemos que os homens rogam sua intervenção no meio do caos porque acreditam encontrar conforto nas tribulações, alívio nas doenças e força para se libertar (Mc 57, 1ss).

Em Maria de Nazaré tudo está relacionado ao homem em todos os lugares e em todos os tempos. A Virgem é um valor universal e permanente; é nossa irmã que se une na raça de Adão com todos os homens necessitados de salvação. A mãe de Jesus e nossa não frustra as expectativas do homem contemporâneo (VM 21).

A pandemia causou quase que uma letargia desde o seu começo. Gerando por vezes uma impotência diante das incertezas surgidas pela disseminação do vírus letal. Diante disso Maria é como sinal de esperança e com ela surge perspectivas para contornar a angústia deste tempo. Como sinal para o povo de Deus peregrinante, é motivação para que a humanidade não fique estagnada, mas, se disponha a caminhar. O peregrino é a imagem mais concreta da esperança. Destacamos que o Concílio ensina que a Virgem peregrinou com coragem e ousadia; ela rompeu limites e barreiras nas situações adversas que a fizeram crescer a cada passo dado na fé, na esperança e no amor.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio José. *Lumen Gentium: a transição necessária*. São Paulo: Paulus, 2005.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*: Nova Edição Revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2012.

BOFF, Clodovis. *Introdução à Mariologia*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Páginas 311-380.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. *A Virgem Maria na formação intelectual e espiritual*. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880325_vergine-maria_po.html. Acesso em: 06 de Mai., 2021.

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM SOBRE A IGREJA. In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. Páginas 179-192.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GRECCO, Angelico. Madre dei viventi. *La cooperazione di Maria nella Lumen Gentium*: uma sfida per oggi. Lugano: Eupress-FTL, 2011.

HANSON, Jonh S; HORSLEY, Richard A. *Bandidos, profetas e messias*: Movimentos populares no tempo de Jesus. São Paulo: Paulus, 2007.

KÜNG, Hans. *A Igreja*. Lisboa: Moraes, 1970.

LATOUR, Bruno. *O sentimento de perder o mundo, agora, é coletivo*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/29/internacional/1553888812_652680.html. Acesso em: 26 de Abr., 2021.

MENDONÇA, José Tolentino. *Pai Nosso que estais na terra: o Pai-Nosso aberto a crentes e não crentes*. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOLTMANN, Jürgen. *Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?* Petrópolis: Vozes, 1997.

MONTELEONE, Andrea Villaforita. *Alma redemptoris socia*. Maria e la redenzione nella teologia contemporanea. Lugano: Eupress-FTL, 2010.